



PARA GELAR A ALMA DOS VIVOS: LUGAR DE MEDO NA FAZENDA DA FORTALEZA DE SANT'ANNA, GOIANÁ, MG

To freeze the souls of the living: a place of fear at the Fortaleza de Sant'Anna Farm, Goianá, MG

Naiara Thais Alves de Souza

Mestranda no Programam de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGEO/UFJF). Especialista em Conhecimentos Tradicionais e Práticas Escolares pela UFJF

Orcid: <https://orcid.org/0000-0000-0000-0000>

naiara.thais.souza@gmail.com

Altair Sancho Pivoto dos Santos

Docente no Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGEP/UFJF). Doutor em Geografia pela UFMG

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9943-1334>

altairsancho@hotmail.com

Trabalho apresentado durante a 7ª Jornada Científica da Geografia da UNIFAL-MG & 1º Encontro Sul Mineiro de Geografia e selecionado para publicação

RESUMO

Os colonos da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna, Goianá-MG, são trabalhadores rurais descendentes dos primeiros lavradores que chegaram a essas terras e que, sem direito à liberdade foram escravizados, foram forçados a cederem sua mão de obra durante o período escravocrata do século XIX. Os colonos são ainda descendentes de imigrantes italianos. Estes, na busca por melhor qualidade de vida, deixaram seu suor, suas esperanças e seu trabalho nesse latifúndio ao longo do século XX. Os colonos são os sujeitos que, por toda uma existência, viveram e vivem nessa localidade, escrevendo sua história e sua geograficidade. E, por fim, tamanha é a importância dessas pessoas que hoje são também os sujeitos de uma pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora desde 2022. Tal pesquisa é caracterizada, metodologicamente, como qualitativa, de caráter exploratório, e que vem seguindo caminhos para a compreensão dos sentidos de lugar e dos exercícios de territorialidade dos colonos. O presente artigo, portanto, é o recorte dessa pesquisa mais ampla de mestrado em que, durante um pré-campo, uma colona apresentou através do seu próprio olhar, alguns de seus lugares de infância. Neste texto procurou-se focar em apenas um desses lugares: o cemitério. O lugar nem sempre desperta no sujeito sentimentos de uma forma positiva e, nesse sentido, a Geografia Humanista e Cultural permite um desvelamento das emoções e dos sentimentos no lugar. Isso porque essa abordagem possibilita traçar pilares de uma observação e de uma escuta baseada nas experiências dos sujeitos. Para tanto, foram utilizados alguns conceitos geográficos na perspectiva dos geógrafos humanistas e

culturais Tuan, Relph e Rosendahl, tais como: lugar, lugar sagrado, lugar profano e lugar de medo. Certamente a imersão em campo contribuiu com a maior compreensão dessa íntima relação dos sujeitos santanenses com a Fortaleza de Sant'Anna.

Palavras-chave: Geografia Humanista e Cultural; Lugar; Lugar de medo.

ABSTRACT

The colonists of Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna, Goianá-MG, are rural workers descended from the first settlers of these lands who, without the right to freedom, were forced into labor during the slavery period of the 19th century. The colonists are descendants of Italian immigrants. In search for a better quality of life, they left their sweat, their hopes, and their work throughout the 20th century in this vast landscape. Colonists are the people who, throughout their existence, have lived and still live in this location, writing its history and geography. And, finally, the settlers are also subjects of a master's degree research carried out in the Postgraduate Program in Geography at the Federal University of Juiz de Fora since 2022. Such research is characterized, methodologically, as qualitative, exploratory in nature, and which has been treading paths towards understanding the senses of place and the colonists' exercises of territoriality. This article, therefore, is an excerpt from this broader master's research in which, during a fieldwork activity, woman who is a member of this society presented, through her own eyes, some places from her childhood. In this text, we seek to focus on just one of these places: the cemetery. The place does not always awaken feelings in the subject in a positive way and, in this sense, Humanist and Cultural Geography allows the unveiling of emotions and feelings in the place. As this approach allows us to outline pillars of observation and listening based on the subjects' experiences. Aiming this objective, some geographic concepts were used from the perspective of humanist and cultural geographers Tuan, Relph, and Rosendahl, such as place, sacred place, profane place, and place of fear. Certainly, immersion in the field contributed to a greater understanding of this intimate relationship between the people of Santana and the Fortaleza de Sant'Anna.

Keywords: Humanistic and Cultural Geography; Place; Place of fear.

1. INTRODUÇÃO

*Nascemos escuro. [...]
E fomos educados para o medo.
Cheiramos flores de medo.
Vestimos panos de medo. [...]
De medo, vermelhos rios
vadeamos. [...]*

Carlos Drummond de Andrade

Sabe-se que, enquanto para algumas culturas a morte é motivo de comemoração, de alegria, de festejar a importância que foi a vida daquele que faleceu, desejando-lhe o desapego da vida material e revivendo as melhores memórias junto ao ente querido, em muitas culturas a morte é vista como algo melancólico e como o ponto extremo da tristeza. Então, conforme o entendimento dos sujeitos acerca da fé religiosa (ou da falta dela), mesmo que se possa também manifestar o desejo de luz, paz, verdade e desprendimento da vida material terrena a quem faleceu, o pesar e, por vezes, o medo de

passar por momentos de despedidas como essas, são os sentimentos que prevalecem diante de uma perda humana.

Esse pesar e essa melancolia em cerimônias de despedidas são muito comuns culturalmente no Brasil. Isso porque, embora seja um país laico e possua culturas com bases religiosas muito diversas, ao longo da história esse território continental foi influenciado sobretudo pelo cristianismo, pautado na Igreja Católica (ROSENDAHL, 2012). Obviamente, é possível encontrar traços dessa influência por todas as esferas sociais. Tais traços são observados até mesmo na relação dos sujeitos com a vida e com a morte: os rituais fúnebres, as cerimônias pós-morte, os rituais de cuidados com os túmulos de antepassados e o período ritualístico do luto são, por exemplo, heranças históricas dessa instituição religiosa.

E quais são os espaços que materializam esses sentimentos, sejam eles bons ou ruins? Dentre eles, os espaços mais representativos da morte são os cemitérios, uma vez que são compreendidos como locais habitados pelos mortos, onde seus lugares de morada, que apesar de serem considerados por muitos como um “lugar sagrado”, frequentemente são associados a um “lugar de medo”. Mas medo de que exatamente? Possivelmente, a resposta para essa pergunta irá variar conforme os costumes, as religiões, as sociedades, as pessoas etc. Contudo, é possível fazer algumas suposições que giram em torno de três grandes dimensões: medo da dor de ver alguém morrer, medo de morrer e medo dos que já morreram.

Retomando a epígrafe, acerca do medo, Yi-Fu Tuan tece ideias que vão ao encontro dos versos do poema de Carlos Drummond de Andrade ao dizer que, a despeito das paisagens do medo, elas são inúmeras e variam desde o medo do escuro ao pavor dos mortos. As paisagens do medo, só são inúmeras porque “os medos são experimentados por indivíduos e, nesse sentido, [os medos] são subjetivos” (2005, p. 8). Logo, se os indivíduos são únicos e inúmeros, os medos também são.

Utilizando-se ainda dos versos desse poeta e das reflexões de Tuan, é possível questionar a audácia dos sujeitos mais corajosos, os que se dizem não ter medo. Ora, todas as ações humanas, consciente ou inconscientemente, movem-se à procura de contornar desde os medos mais obscuros, até aqueles mais simplórios. Um bom exemplo é a preocupação humana em construir abrigos. Estes constituem-se como símbolo da proteção do *ser*. A construção das chamadas “casas” é, na verdade, a busca pela proteção contra todas as adversidades que possam afetar negativamente o sujeito, tais como: intempéries da natureza, ataque de animais selvagens, violência nas grandes cidades, normas da própria sociedade etc. Portanto, embora pareça mais cruel para uns do que para outros, inconscientemente ou não, o medo existe, e existe de forma diferenciada para todos. Isso significa que o eu-lírico, nesse poema de Drummond, foi assertivo ao dizer que “em verdade temos medo./Nascemos escuro [...]”.

A partir da afirmação de Tuan a respeito da diversidade dos sujeitos e, consequentemente, da variedade do medo, é possível notar a preocupação dos geógrafos humanistas com o *ser*, e com as relações entre esse ser e o lugar, seja ele sagrado, profano e/ou de medo. Então, a ciência que estuda os lugares ganha, por conseguinte, grande importância para a compreensão dessa realidade entendida como geográfica. A Geografia, por meio das abordagens Humanista e Cultural, tem assumido esforços para a compreensão dessa íntima relação dos sujeitos com o lugar, com o espaço geográfico vivido. E é nessa perspectiva que este trabalho caminha, sendo ele um recorte de um estudo mais amplo realizado desde 2022, cujo objeto de pesquisa é exatamente a relação entre os sujeitos e o lugar.

Nessa abordagem aqui mencionada, na qual as subjetividades dos sujeitos ganham espaço na ciência geográfica ao fazer considerações a respeito do lugar e, também, dos sujeitos que mantêm vínculos com ele, é necessário ressaltar que este “lugar”, em sua existência simbólica e concreta, tem “nome”, tem “cara”, tem sua singularidade e é “único”, assim como os sujeitos que se mantêm em relação com ele.

Dessa forma, propõem-se neste trabalho apresentar um lugar de medo de uma colona da Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna, Goianá-MG (município a cerca de 40 km de Juiz de Fora), a partir do que os geógrafos humanistas e culturais, especialmente Yi-Fu Tuan, Edward Relph e Zeny Rosendahl, entendem por lugar, lugar de medo, lugar sagrado e lugar profano. Contudo, antes será necessária uma pequena apresentação de Sant’Anna (o lugar) e de seus colonos (os sujeitos).

2. UMA COLEÇÃO HISTÓRICA DE LUGARES DE AFEIÇÃO, AMOR, DOR E MEDO POR SUJEITOS DA FAZENDA DA FORTALEZA DE SANT’ANNA

A Fortaleza de Sant’Anna, que foi uma fazenda histórica da região da Zona da Mata Mineira¹, possui hoje uma extensão de, aproximadamente, 42 km². Na *figura 1*, está representada a área que compreende esse território atualmente. No mapa é possível perceber que, embora a Sede da fazenda se encontre em Goianá-MG, a Fortaleza de Sant’Anna ultrapassa os limites territoriais desse município, localizando-se também em São João Nepomuceno, Chácara, e Coronel Pacheco.

¹Os municípios passaram por uma nova regionalização criada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 2017. A região que compreende Juiz de Fora e municípios do entorno, a partir de novos critérios de regionalização, passa a se chamar Região Geográfica Intermediária de Juiz de Fora.

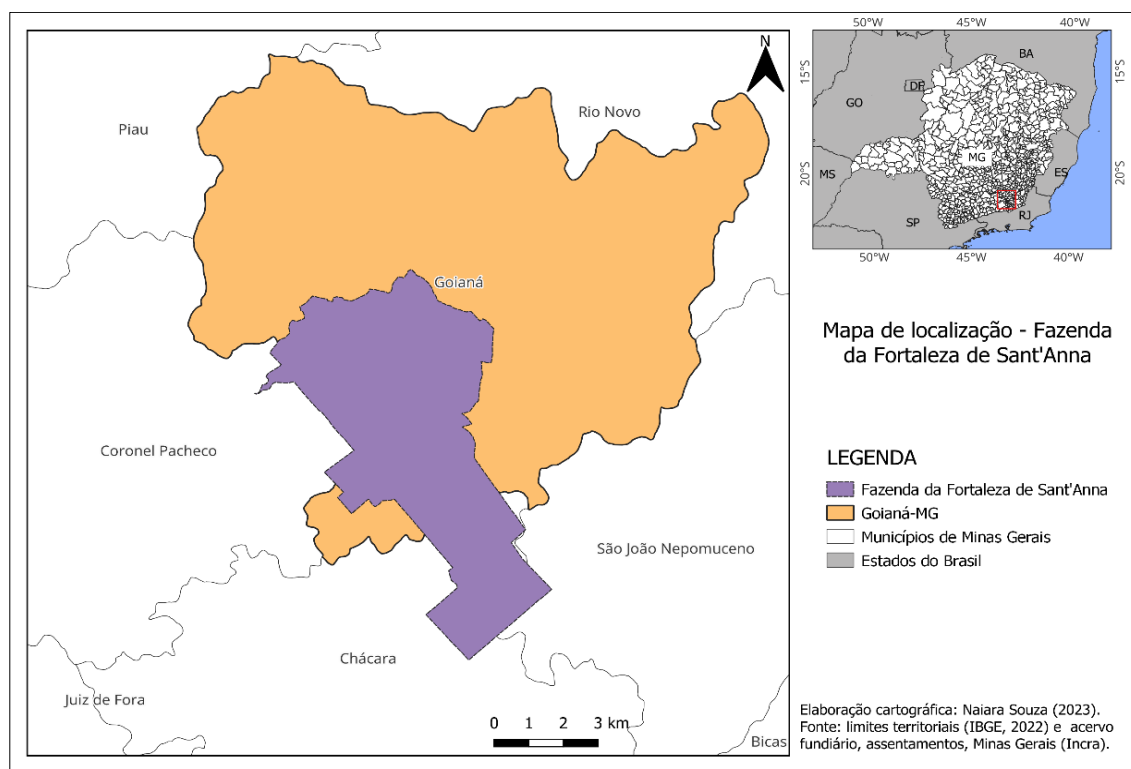


Figura 1 – Mapa de localização da área de estudo no município de Goianá (MG).

Tal fazenda é fruto de uma Carta de Posse de Sesmarias oficializada em 1815 (GOIANÁ, IPAC-1, 2009) que, a princípio, demarcava um território originalmente muito maior: “[...] as terras demarcadas partiam das imediações do Córrego do Cágado, em Rio Pomba indo até as terras de Rio Novo, divisando-se também com Santa Bárbara, hoje São João Nepomuceno, voltando até as cercanias do Santo Antônio do Parahybuna, hoje Juiz de Fora [...]” (SILVA, 2007, p.14).

No que diz respeito à ocupação inicial desse território, primeiramente, a Fazenda agregou como força de trabalho os imigrantes africanos cativos. Eles foram responsáveis pelo trabalho que elevou a Fazenda ao *status* de grande produtora de café na Zona da Mata Mineira do século XIX. Em segundo lugar, não obstante, após o abolicionismo no Brasil, em 1888, imigrantes italianos chegaram a essas mesmas terras para substituir o trabalho na lavoura de café que era desempenhado pelos africanos e seus descendentes (GOIANÁ, IPAC-4, 2009). Já no século XX, por volta de 1908, outros imigrantes chegaram a esse território. São pessoas de origem africana, italiana (em maior número) e alemã etc. Elas migraram para a fazenda em decorrência de uma troca de proprietários em função da decadência do café na fazenda, então ela vai à leilão. Naquele momento, o proprietário da Fazenda São Mateus, em Matias Barbosa (19 km de Juiz de Fora), arremata a Fortaleza de Sant’Anna e leva consigo novos trabalhadores, muitos deles da própria Fazenda São Mateus (GOIANÁ, IPAC-4, 2009).

É importante ressaltar que, embora tenha havido três grandes movimentos de chegada, houve dispersão de pessoas e, sem dúvida, um movimento representativo de emigração dessas terras aconteceu, sobretudo, por volta de 1888, quando pessoas escravizadas se veem desobrigadas de

exercerem funções que lhes eram impostas na Fazenda. Possivelmente, houve também movimentos de dispersão ao longo do século XX, sobretudo após a década de 70. Tem-se essa hipótese, que poderá ser testada ao longo dos estudos sobre essa localidade, porque, em escala nacional, o Brasil passa por deslocamentos consideráveis de trabalhadores do campo para as grandes cidades (êxodo rural) ou do campo para as cidades polarizadoras, como é o caso de Juiz de Fora, que, por exemplo, atrai os habitantes dos municípios ao seu redor, ou seja, exerce grande influência também sobre Goianá.

Atualmente, existe na Fortaleza de Sant'Anna uma comunidade descendente dos primeiros trabalhadores aqui mencionados, são os chamados *colonos*. A maioria deles habita essas terras por toda uma existência e há gerações. Apesar de serem mencionados frequentemente por esse codinome, os trabalhadores de Sant'Anna nem sempre se reconheceram ou foram identificados dessa forma. Esta denominação “colono”, passou a ser utilizada por volta de 2011. Nesse momento, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST, assentou-se na Fortaleza de Sant'Anna, quando o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) desapropriou essa fazenda histórica por meio de um decreto, sancionado em 2011. No seu artigo 1º, esse decreto declara de “interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural denominado ‘Fazenda Fortaleza de Santana’[...]” (BRASIL, 2011).

Essa intervenção do Estado em favor de trabalhadores rurais sem acesso à titularidade de terras no campo representa uma conquista dessa classe. Pela primeira vez na história, a Fortaleza de Sant'Anna passa a ter como sujeitos protagonistas os trabalhadores que desde sempre tiveram um papel econômico crucial no território.

Contudo, inicialmente, no processo de ocupação do MST, a Fortaleza de Sant'Anna foi palco de conflitos de interesses entre MST e os trabalhadores que já se encontravam nessas terras, os colonos. É nesse momento que os colonos criam uma associação (Associação dos Moradores de Sant'Anna – AMS) a fim de resguardarem e assegurarem a sua permanência nas terras em que se encontram há gerações. Diante disso, o Incra reconhece a existência desses moradores e passa a chamá-los de *colonos*, ou seja, aqueles que primeiro colonizaram, aqueles que primeiro chegaram.

Logo, existiram ao longo da história diferentes formas do “habitar” e do “relacionar” com o lugar. Os sujeitos transformaram as paisagens naturais desse local e, conseqüentemente, foram transformados por elas. Eles, possivelmente, mantiveram diferentes sentidos de lugar nessas terras, traduzindo simultaneamente (ou predominantemente) lugares de afeição, de amor, de dor, de medo e de aversão.

Se ao longo da história os colonos foram marcados por diferentes movimentos de dispersão e de chegada de pessoas nessas terras, atualmente, no século XXI, há também um marco, uma ação externa que desestrutura a organização anterior e assume-se como uma nova forma de se relacionar

com o lugar. Agora, os colonos e os trabalhadores do MST vivenciam um momento histórico, um processo de assentamento de trabalhadores que sempre tiveram esta conotação: “rural”, e que seguem aprendendo e afirmando sua existência, sua identidade e, ao mesmo tempo, aprendendo a conviver no território com outros trabalhadores rurais. A melhor forma de traduzir essa convivência e, ao mesmo tempo, a existência de ambos os trabalhadores é a denominação do território por esses sujeitos. Sant’Anna é a Fortaleza de Sant’Anna para os colonos e, ao mesmo tempo, Sant’Anna é o Denis Gonçalves para o MST; e no cotidiano, há no mesmo território uma coexistência de diferentes trabalhadores rurais.

As relações que os indivíduos assumem com o lugar, de certa forma, diz muito sobre sua identidade territorial. Para cada recorte territorial há uma dimensão do lugar que pode ser parecida ou totalmente diferente para diferentes sujeitos.

Vale ressaltar: os sentimentos que os lugares despertam nas pessoas nem sempre são interpretados positivamente pelos sujeitos. Contudo, isso não significa necessariamente que um recorte espacial deixa de ser um lugar e um campo de experiências vividas para esses sujeitos.

Dessa forma, a respeito das relações entre colonos e Sant’Anna, pode-se dizer que o medo é um desses sentimentos que o lugar pode despertar nesses sujeitos. Portanto, é sobre o lugar de medo que este trabalho se inclinará a tecer algumas considerações a seguir.

3. MATERIAIS E MÉTODOS: OS CAMINHOS QUE LEVAM AO LUGAR DO MEDO

Diante das questões referentes aos sujeitos em sua mais íntima relação com o lugar, traduzindo-se naquilo que o geógrafo humanista Dardel (2015) chama de geograficidade, muitas vezes a Geografia Humanista utiliza-se da fenomenologia como um método, ou, pelo menos, como suporte para alcançar o fenômeno, o que é “real”, o que é complexo e que não se encaixa, por vezes, nos modelos puramente acadêmicos, já que as relações espaciais, antes de qualificadas e analisadas academicamente, precedem a ciência (RELPH, 2008).

Na tentativa de resolver os problemas geográficos acerca dos sujeitos espaciais, alguns geógrafos humanistas utilizam-se dos pressupostos heideggerianos, pois Heidegger compreende a fenomenologia como um método que se define no interior da existência (seu objeto) (SARAMAGO, 2008). Por sua vez, pode-se dizer que a existência, a subjetividade no sujeito e a subjetividade do lugar são essenciais para a compreensão do objeto de estudo aqui já mencionado (lugar-colono).

Nesse sentido, um caminho muito importante na pesquisa tem sido o movimento de observação e de escuta desse sujeito que *existe*, já que, segundo Dias (2022, p. 54) a proposta de uma geografia da escuta é de se “deixar tocar pela palavra”. E, nesse sentido, seria necessário fazer com que as palavras escutadas possam “ecoar no fazer” dessa pesquisa (DIAS, 2022, p. 58).

Foi com essa base teórico-metodológica que um pré-campo de uma pesquisa qualitativa e exploratória, possibilitou observar, escutar e vivenciar os lugares de uma colona. Este pré-campo de pesquisa na Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna, aconteceu no dia 3 de maio de 2023. Previamente, foi solicitado a essa colona que apresentasse, a partir de seu próprio olhar, seus lugares de infância em Sant'Anna, por acreditar que, nesse período da vida, as relações entre sujeitos e lugares possam se fortalecer mediante às sensações proporcionadas pelos estímulos sensoriais, tal qual mencionou Tuan (1980, 1983) em suas obras “Topofilia” e “Espaço e Lugar”. Nesse sentido, foi pedido a ela que trouxesse à memória os seus lugares de afeto e de medo, já que nem sempre os lugares possuem sentido positivo na relação espacial.

A proposta desse pré-campo foi uma iniciativa de um docente de mestrado ao ministrar uma disciplina intitulada “Formação Territorial e Urbanização do Sul da Zona da Mata”. Nele, todos os discentes da disciplina puderam contribuir de alguma forma para o processo de estudo nesse recorte espacial.

Nesse sentido, a pedido dessa colona, o ponto de partida foi a própria casa dela, que também foi o lugar de morada de seus avós desde a primeira metade do século XX. Segundo ela, essa casa, uma das mais antigas da Fazenda, se tornou o local pelo qual ela mais obteve identificação durante sua infância. Contudo, no decurso do trajeto conduzido por ela, um dos lugares mencionados foi o cemitério da Fazenda, que se encontra, atualmente, desativado. Nesse momento, ela pediu para que outro colono conduzisse a turma e se recusou a seguir adiante. Isso porque, para essa colona, o cemitério é considerado não só um lugar de medo, mas de pavor. E o motivo dessa relação de medo com o cemitério será mencionado a seguir.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO: DO LUGAR MALDITO AO LUGAR DO SAGRADO

Eu vi uma nuvem de pernilongos. Estava uma ventania, os bambus balançando tanto... E minha avó? Minha avó, que também estava lá, não viu nem pernilongo, nem ventania e muito menos bambuzal balançando! Então eu corri de lá e nunca mais voltei².

Essa epígrafe revela uma experiência que, como resultado, materializa no sujeito: o medo. Medo do sobrenatural e medo dos mortos mesmo eles estando em solos sagrados. O sagrado é um conceito religioso (ROSENDAHL, 2012). Ele se destaca do espaço comum, do profano, ou seja, significa separação, definição, sugerindo uma totalidade, uma ordem e uma força. De acordo com Claval (2002, p. 10) “o espaço geográfico é também um campo de representações simbólicas, rico

²Registro de campo do relato de uma colona da Fazenda da fortaleza de Sant'Anna, durante o pré-campo realizado na disciplina Formação Territorial e Urbanização do Sul da Zona da Mata do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO-UFJF) em 3 de maio de 2023.

em signos [...]”, logo, é possível compreender a existência de espaços profanos (o que não é sagrado) e de espaços sagrados, pois esses são dotados de simbolismos. E em uma dimensão simbólica de força “divina”, por meio da fé, ao mesmo tempo que espaços sagrados se confundem com locais tranquilos e serenos, por vezes, podem provocar nos sujeitos o sentimento de medo.

Conforme ressaltou Tuan (1980), o espaço geográfico é mais abstrato que o lugar geográfico. Logo, aquele torna-se lugar à medida que o ser humano o experiencia melhor, atribuindo-lhe um valor emocional. Relph (2008), por conseguinte, ao trabalhar o lugar em *Place and placelessness*, reforça que esse conceito é um fenômeno resultante da experiência cotidiana que precede todos os conceitos puramente acadêmicos. Por isso, para ele, a fenomenologia é uma abordagem que permite a compreensão dessas experiências sem, com isso, reduzi-las a modelos científicos. Ainda de acordo com ele, claramente “[...] *that every place is a unique entity*” (2008, p. 3), ou seja, pode-se concluir que, mesmo os espaços sagrados de cemitérios são entre si interligados, porém únicos.

Os estímulos sensoriais podem provocar emoções que aproximam (ou afastam) os sujeitos dos lugares. Tais sentidos são muito bem marcados na infância e podem despertar tanto a afeição quanto a repulsa e o medo (TUAN, 1980). Portanto, o cemitério da Fazenda é um dos lugares de repulsa e de medo. O motivo? A colona explica na epígrafe.

Essa experiência sensorial vivenciada pela colona exemplifica muito bem o que Relph (2008) menciona em *Place and placelessness* quando ele diz que o ser do ser humano seria o ato de permitir-se viver em um espaço cheio de lugares significativos. Hoje com 54 anos³, essa colona relembra o momento que esteve no cemitério. Mesmo não tendo contato com esse local por mais de quarenta anos, ele encontra-se exatamente como ela o descreveu: “*o cemitério estava tomado por mato e bambus. Acima, esses bambus se cruzavam entre si e, embaixo, ruínas de túmulos e várias cruzes de metal compunham esse solo sagrado*” (ver figura 2).

Embora a fotografia não consiga, muitas vezes, retratar as fisionomias capturadas pelo olho humano, no segundo plano da *figura 2* é possível perceber um encontro de bambus que se debruçam sobre o outro, fechando qualquer possibilidade enxergar plenamente o céu. O que foi retratado nessa imagem e observado em campo foi relatado por essa colona, que desde os 14 anos não tem contato direto com esse lugar revelado aos pesquisadores exatamente da forma como ela ainda se recorda após quarenta anos.

³Idade da colona no momento do pré-campo.



Figura 2 – Fotografia do interior do cemitério desativado da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna.

Retomando a epígrafe, segundo a colona, os pernilongos apareceram somente para ela, e o fato de somente ela ter visto a ventania que movimentava o bambuzal ocorreu pelo seguinte motivo: *"enquanto a vó Bigó tava pra lá [no cemitério], eu passeava e lia os nomes das pessoas enterradas. Depois de fugir de lá, meu corpo ficou com marcas como se fossem picadas de pernilongo e elas só melhoraram quando minha vó me levou pra benzer. Eu ofereci um copo d'água e uma luz de vela, [pois] os mortos estavam pedindo isso".*

As *figuras 3 e 4 retratam* alguns túmulos do interior do cemitério. As cruzes de ferro são do século XIX. Nelas estão grafados os nomes dos sujeitos sepultados nesse lugar sagrado, os mesmos nomes que a colona conta ter lido durante seu contato com o cemitério, há 40 anos.



Figuras 3 e 4 – Fotografias do interior do cemitério desativado da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna. À esquerda, é possível observar uma suposta cruz sob a sepultura de um colono do século XIX. A fotografia da direita retrata duas covas do século XX.

Segundo a colona, a fazenda carrega um grande peso devido aos horrores que aconteceram com as pessoas escravizadas. Essa fala, certamente, vai ao encontro de informações levantadas por historiadores acerca desse cemitério, que se constitui como morada final de muitas pessoas ao longo de dois séculos. Entre 1891 e 1901, por exemplo, foram registradas cerca de 100 pessoas, dentre elas, italianas, portuguesas e africanas, de 1 a 91 anos de idade (GOIANÁ, IPAC-4, 2009), como pode ser observado no *quadro 1*, que faz referências a algumas pessoas sepultadas no cemitério de Sant'Anna, sendo muitas delas pessoas que, provavelmente, foram escravizadas em Sant'Anna.

Quadro 1 –Quadro de pessoas sepultadas no Cemitério da Fazenda da Fortaleza de Sant'Anna entre 1891 e 1901.

10/08/1896	Eleotério (africano, 73 anos)
08/10/1896	Emilia (1 ano e meio, filha de Demetrio Geminiano)
20/10/1896	Vicente (1ano, filho de Rodolpho e Adelaide)
22/10/1896	Martha (16 meses, f. de Evaristo)
30/10/1896	Adolpho (8 meses, filho de Julio da Silva)
13/11/1896	Maria (07 anos de idade, filha de Evarsito)
30/10/1896	Adão da Costa (africano, 70 anos)
19/01/1897	Luiz Donato (54 anos, irmão de Domenico Donato)
04/02/1897	Joana (preta)
08/01/1897	Maria (recém nascida, f. de 1 empregado de Domenico Donato)
05/02/1897	Maria (04 anos, filha de Felisberto)
10/02/1897	Fernando (preto, 18 anos, filho de Rodolpho e (? Ilegível).
22/02/1897	Viriato (africano, 70 anos)
23/02/1897	Cipriano (africano, 72 anos)
23/02/1897	Leonora (preta, 52 anos, mulher de Claudino Carreiro)
04/03/1897	Maria Gertruta (preta, 75 anos, empregada de Maximiano Ivo)
19/03/1897	Rosalina Saggioro (27 anos, c.c. Giuseppe Saggioro)
24/04/1897	Giovanni Passarotte (italiano, 43 anos)
15/06/1897	Julião (africano, 74 anos)
18/08/1897	Catão (africano, 74 anos)
14/09/1897	Manoel João (africano, 91 anos, empreg. De Honório Alaes)
19/07/1898	Matheus (africano, 74 anos)

Fonte: Goianá, IPAC-4, 2009 (adaptado).

Obviamente, o número de pessoas enterradas nesse local sagrado, possivelmente, é muito maior. Contudo, juntamente com o incêndio que queimou a o casarão da Fazenda, acredita-se que muitos documentos como cadernos de óbito, também se perderam. A amostra do quadro 1 refere-se ao caderno de certidões de óbito preservado, existiram outros, certamente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho propôs apresentar, numa relação íntima dos sujeitos colonos com Sant'Anna, o lugar de medo de uma colona.

Utilizando-se de uma base teórico-metodológica que ressalta a existência do ser em uma abordagem humanista e cultural da Geografia, a possibilidade de apresentar o medo de um lugar surgiu a partir de uma observação realizada durante um pré-campo de pesquisa.

A materialização do medo, nesse caso específico, ocorreu por meio de uma experiência na infância/adolescência de uma colona, confirmando as reflexões de Tuan a respeito da relação entre construções de lugares por meio da experiência na infância, e das características de identidade e, sobretudo, das de estabilidade, pois segundo ele, a estabilidade diz respeito ao tempo de relação com/no lugar.

Nesse pré-campo de pesquisa foi possível identificar os lugares de medo como um campo interessante a ser explorado e considerado durante a pesquisa de mestrado. Isso porque a relação dos sujeitos com o lugar nem sempre é afetada positivamente, um exemplo, pôde ser observado no cemitério, que se constitui como um lugar de medo dentre o lugar sagrado dotado de afeição em Sant'Anna.

Como Tuan afirma, os lugares de medo são diversos, pois os medos são diversos, os sujeitos são diversos. Contudo, ainda que os sujeitos sejam únicos, eles vivem com outros sujeitos em sociedade. Seriam os medos dos colonos tão diversos quanto eles são em suas subjetividades e individualidades? Ou, por viverem em comunidade, seus lugares de medo se aproximam?

Certamente esses são questionamentos para outro debate sobre o medo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos primeiros trabalhadores da Fortaleza de Sant'Anna, que são a base genética dos colonos, mas também, uma base simbólica na relação com Sant'Anna ao longo do tempo.

Aos Ciprianos, Augustos, Juvêncios, Tobias, Guedes, Simplícias, Fernandos, Viriatos, Leonoras, Marias, dentre outros trabalhadores colonos do século XIX, um grandíssimo obrigada e um desejo de luz e descanso no lugar que hoje também é de todos vocês: lugar de presença na história como sujeitos que sempre foram.

Aos Luizes, Giovannis, Saggioros, Giuseppes, obrigada pelos ensinamentos, pela vontade e pela esperança que, de certa forma, foi passando de geração em geração e hoje são reproduzidos pelos colonos. Obrigada!

Aos que trabalharam nessas terras e repousam eternamente nelas, obrigada!

Agradeço à vó Bigó, à vó Fernanda, à mãe Nete, ao vô Zezinho, ao vovô Jovelino, pela inspiração da escrita. Obrigada!

Àqueles que “quem dizer de uma existência”, parafraseando uma frase de uma colona de Sant'Anna, não só dissemos de uma, mas de muitas existências. Obrigada por me deixarem escrever sobre elas. Sigamos existindo!

REFERÊNCIAS

- CLAVAL, P. “A volta do Cultural” na Geografia. **Mercator: Revista de Geografia da UFC**, v. 1, n. 1, 2002.
- DARDEL, E. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015. 176p.
- DIAS, M. T. **Lugar Geopsíquico**: onde a Psicanálise e a Geografia se encontram. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2002. 220p.
- GOIANÁ. **Inventário de bens culturais da Seção I - Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna**. IPAC-1. Goiânia: Centro Cultural, 2009. 47p.
- GOIANÁ. **Inventário de bens culturais da Seção 4 - Fazenda da Fortaleza de Sant’Anna**: IPAC-4. Goiânia: Centro Cultural, 2009. 54p.
- RELPH, E. **Place and placelessness**. London: Pion Limited, 2008. 155p.
- ROSENDAHL, Z. **Primeiro a obrigação, depois a devoção**: estratégias espaciais da Igreja Católica no Brasil de 1500 a 2005. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. 196p.
- SARAMAGO, L. A aproximação fenomenológica do mundo. In: SARAMAGO, L. **A Topologia do Ser**: lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger. São Paulo: Loyola, 2008. p. 13-52.
- SILVA, W. D. À sombra do Limoeiro: uma proposta de estudo. In: SILVA, W. D. (Org.). **Aspectos históricos e culturais do município de Goianá**. Conselho Municipal do Patrimônio Histórico: Goianá, 2007. p. 11-56.
- TUAN, Y. F. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de: Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983. 247p.
- TUAN, Y. F. **Paisagem do medo**. Tradução de: Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005. 374p.
- TUAN, Y. F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de: Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980. 342p.